



PRESENÇA PATERNA E CONSTRUÇÃO DA ILUSÃO DE UNIDADE A PARTIR DAS TEORIAS DE FREUD E WINNICOTT

Nadja Nara Barbosa Pinheiro

Psicóloga. Professora Associada da graduação e pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná. Coordenadora do Laboratório de Psicanálise (DEPSI/UFPR). E-mail: nadjanbp@hotmail.com.

Resumo: O artigo objetiva demonstrar que Winnicott destaca, em um de seus últimos textos, a importância da presença paterna nos momentos mais arcaicos de construção subjetiva ao inserir a sensação de ilusão de unidade que sustenta o processo de diferenciação entre o bebê e sua mãe em prol do alcance da individuação pessoal. Para tal, apresenta os elementos clínicos que indicaram a Freud a necessidade de elaboração do conceito de pulsão sexual, o qual indica que tanto pulsão quanto objeto, a princípio, se mostram marcados pelas parcialidades. Debruça-se sobre a proposta winnicottiana de deslocar o início do exercício da função paterna do momento edípico para os primórdios do desenvolvimento emocional e propor que a presença do Pai produz efeitos significativos tanto sobre a mãe (apoiando-a em suas tarefas diárias) quanto sobre o bebê, apresentando-se como primeiro objeto total que pode ser usado como matriz para a construção da ilusão de unidade pessoal, capaz de ultrapassar as parcialidades pulsionais.

Palavras-chave: Presença Paterna. Individuação. Winnicott.

PATERNAL PRESENCE AND THE CONSTRUCTION OF ILLUSION OF UNITY FROM THE THEORIES OF FREUD AND WINNICOTT

Abstract: The article aims to demonstrate the thesis that Winnicott highlights, in one of his last texts, the importance of the paternal presence in the most archaic moments of subjective construction by inserting the feeling of illusion of unity that sustains the process of differentiation between the baby and his mother in favor of reaching personal individuation. To this end, it presents the clinical elements that indicated Freud the need to elaborate the concept of sexual drive, which indicates that both drive and object, at first, are marked by partialities. It focuses on the theory postulated by Winnicott which, shifting the beginning of the exercise of the paternal function from the oedipal moment to the beginnings of emotional development. The theory proposes that the presence of the Father produces significant effects on mother's mental register (supporting her in their daily tasks) and on baby's emotional state, by presenting him as the first total object which can be used as a

matrix for the construction of the illusion of personal unity and capable of overcoming the instinctual partialities.

Keywords: Father's Presence. Individuation. Winnicott.

Introdução

No campo da psicanálise, é conhecido o fato de que o trabalho clínico com pacientes histéricas levou Freud (1895/1986) a perceber que os sintomas relativos a essa neurose eram representes simbólicos de um conflito que se estabelecia entre sexualidade e moralidade. Tentando melhor entender sua composição, o autor foi encaminhado à percepção de que aquilo que ocorre na vida adulta, na verdade, reatualizava um conflito, de mesma espécie, que transcorreria na infância de cada paciente. Dessa percepção, a sexualidade infantil, acabou assumindo o papel de protagonista na construção do adoecimento neurótico e a formulação do drama edípico foi a solução teórica edificada para melhor cernir a potência traumática da sexualidade. Concomitante a essas observações, o próximo passo teórico efetivado foi o de enfrentar a difícil tarefa de perceber como se dava essa relação entre sexualidade adulta e infantil. Para tal, a via tomada foi a construção de uma noção especificamente psicanalítica de sexualidade que se funda, em última instância, na formulação do conceito de pulsão e, em sequência, nas diversas etapas de organização da sexualidade nas quais foram definidas a participação das presenças materna e paterna. Nessa perspectiva, pode-se perceber que a instauração do circuito pulsional é dependente do exercício da função materna de erotização das funções orgânicas de seu bebê. Por seu turno, o exercício da função paterna faz sua entrada no momento edípico, no qual a separação bebê-mãe já está posta e o pai é o representante simbólico da Lei que organiza as relações amorosas do bebê com seus genitores e com o mundo que o cerca (FREUD, 1916/1986).

No entanto, a finalidade deste artigo é de demonstrar que Winnicott (1988/2013) propõe um adendo à tese freudiana ao sugerir que o Pai já esteja exercendo sua função desde os primórdios da construção subjetiva e que essa função não apenas permite a consolidação do circuito pulsional e da separação bebê-mãe, mas, igualmente e fundamentalmente, insere a ilusão de unidade para além das parcialidades pulsionais. Para tal, o artigo inicia pela apresentação das proposições freudianas acerca dos elementos clínicos que conduziram o autor à necessidade teórica de fundar uma noção específica de sexualidade, a qual se funda na construção do conceito de pulsão. A partir disso, utilizando as noções propostas no trabalho freudiano intitulado *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (FREUD, 1905/1986),

discorre sobre o conceito de pulsão, descrevendo-o como um circuito que se estabelece a partir do atendimento das necessidades vitais do bebê por sua mãe. Circuito este que implica na perspectiva de que, nele, tanto as pulsões quanto os objetos que as satisfazem são parcialidades as quais definem, em primeira instância, o registro da oralidade no qual sujeito e objeto se confundem a ponto de, paradoxalmente, se destruírem e se erotizarem. Nesse escopo, o artigo segue se valendo da teoria de Winnicott (1988/2013) para precisar que, nesse momento primitivo de construção subjetiva, a função paterna se torna fundamental para instaurar a ilusão de unidade e, com isso, permitir que o circuito mortífero das parcialidades pulsionais seja ultrapassado em prol do processo de individuação pessoal.

Sexualidade adulta e sexualidade infantil: a formulação do conceito de pulsão por Freud

Segundo Garcia-Roza (1987), no momento em que Freud começou a trabalhar com as patologias histéricas já estava claro que sua etiologia não repousava em processos orgânicos. Tal ponto de partida produziu consequências importantes, como a permissão de que o registro psíquico se tornasse o centro das atenções das pesquisas médicas. Nessa empreitada, Freud (1895/1986) afirma que, da teoria do trauma edificada por Breuer, manteve, inicialmente, a ideia que os sintomas histéricos remetem a uma vivência emocionalmente intensa diante da qual a paciente, sem saber como lidar, produz dois mecanismos psíquicos: o evento vivenciado é relegado ao esquecimento e o afeto, a ele ligado, é convertido para a esfera somática para ser escoado.

Nesse sentido, o método catártico propunha como terapêutica rastrear o percurso que levava do sintoma à cena esquecida de forma que, ao lembrá-la, o afeto investido nos sintomas pudesse ganhar formas de escoamento adequadas, isto é, pela palavra e não pelas vias somáticas. O método catártico era, portanto, um método sintomático. Cada sintoma deveria ser eliminado a partir de seu rastreamento e ab-reação afetiva. No entanto, as causas da construção da neurose ainda permaneciam desconhecidas. E mais, por maiores que fossem os esforços do médico em incentivar o rastreamento dos sintomas e da paciente em recordar as vivências esquecidas, uma força psíquica se opunha à recordação. A percepção dessa resistência à recordação fez com que Freud (1895/1986) levantasse a hipótese de que havia forças psíquicas em conflito: as pacientes querem saber para se curarem e, simultaneamente, não querem saber. E não querem saber, postula o autor, para não sofrerem, pois, todas as vezes em que as cenas traumáticas eram recordadas elas se referiam a um padecimento, a

momentos difíceis carregados de tensões, conflitos e afetos incompatíveis e contraditórios. A resistência, então, representa a mesma força defensiva que promoveu a construção sintomática, ou seja, a mesma força psíquica que promoveu o esquecimento da cena traumática e a conversão do afeto para a esfera somática, edificando os sintomas. Dessa forma, se a cena traumática é constituída por sofrimento, os sintomas histéricos são os representantes simbólicos desse sofrimento. E mais, a escuta atenta de Freud sobre os conteúdos das cenas traumáticas demonstrou que elas giravam em torno não de qualquer sofrimento, mas de um conflito entre sexualidade e moralidade. Ou seja, ele percebe que aquilo que era difícil de lidar, aquilo que era difícil de organizar e solucionar, aquilo que era responsável pelo sofrimento, aquilo do que as pacientes se defendiam era de natureza sexual.

Procurando melhor cernir o caráter traumático da sexualidade, o relato clínico das pacientes indicou relações que entremeiam cenas atuais a cenas vividas ao longo de suas infâncias implicando no enfrentamento de uma nova tarefa: construir uma teoria que permitisse ao autor correlacionar o que aparentemente não seria passível de correlação, isto é, experiências sexuais conflitivas vivenciadas na vida adulta e experiências infantis. Para enfrentar tal desafio, a via escolhida pelo autor foi formular uma teoria sobre o elemento comum entre as vivências: a sexualidade.

A formulação do conceito de pulsão: um circuito sexual

No artigo *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* é apresentado ao público o conceito de pulsão sexual, fundando um sentido propriamente psicanalítico para a sexualidade. Um dos elementos extremamente interessante nesse artigo é que Freud (1905/1986) dialoga, francamente, com seus colegas médicos que estavam estudando e pesquisando a sexualidade, utilizando, inclusive, algumas de suas denominações, não para corroborar com as teses médicas, mas para, definitivamente, rechaçá-las e, a partir disso, edificar sua perspectiva. Nesse sentido, sabemos que, em termos históricos, a sexualidade estava sendo estudada por inúmeros cientistas à época. E, embora Freud tenha ficado conhecido, historicamente, como aquele que trouxe a sexualidade a público, ao longo do século XIX, vários eram os campos que tratavam dessa questão. Nas escolas, a recém-criada pedagogia, ensaiava métodos e modos de fazer com que a sexualidade fosse controlada e erradicada de seus muros. A Igreja regulava de forma exacerbada as práticas sexuais indicando o que era moralmente aceitável e o que deveria ser punido uma vez que

expressassem os pecados da carne. O Estado, por seu turno, edificou, em seus códigos jurídicos, o que seria aceitável em termos sexuais e o que fugia à regra era entendido como crime à boa convivência social.

Nesse bojo, em meados do século XIX, um grupo de cientistas, em sua maioria médicos, começou a estudar, cientificamente, as práticas sexuais. A ciência edificada, conhecida como Sexologia, procurou catalogar a maior gama possível de práticas sexuais entrevistando pessoas, recebendo manuscritos, aplicando formulários etc. Vários termos caros à psicanálise foram cunhados por esses estudiosos, por exemplo, sadismo e masoquismo, fetichismo, voyeurismo e exibicionismo, narcisismo. Como médicos, eles partiram de uma perspectiva naturalista e biológica da sexualidade. Uma perspectiva que a entendia como um instinto, portando, uma fonte endógena que, a partir de um momento específico do desenvolvimento fisiológico (maturidade sexual) introduzia uma necessidade que, para ser satisfeita, encaminhava cada ser humano a um objeto pré-determinado (outro indivíduo do sexo oposto) em vistas ao encontro dos genitais para que seu objetivo (a reprodução) fosse alcançado. Nesse pensamento, então, toda prática sexual que se desviasse desse trajeto, biologicamente pré-determinado, seria considerada uma prática perversa (ROUDINESCO; PLON, 1991).

Foi com essa perspectiva que Freud (1905/1986) dialogou ao escrever seus *Três Ensaio*s, utilizando seus temas e sua linguagem para apresentar sua própria teoria. Para tal, no primeiro ensaio, intitulado *As aberrações sexuais*, o autor desconstrói as noções de desvio de objeto e de objetivo, tal como compreendido pelos sexólogos. Em relação aos desvios ao objeto natural (alguém do sexo oposto), ele destaca uma série de exemplos nos quais o objeto sexual, ou seja, aquilo que permite o gozo sexual, não é o encontro com alguém do sexo oposto. Fatos incontestáveis para a proposição de um afrouxamento dos laços existentes entre pulsão e seus objetos, pois, na verdade, conclui o autor, o objeto da pulsão é contingente, móvel, variado e depende da história de vida de cada pessoa. Ou seja, se os desvios ao objeto natural são inúmeros, tal diversidade significa que entre pulsão e objeto há apenas uma solda e não uma predeterminação.

Em relação aos desvios do objetivo da sexualidade preconizada pela medicina, Freud (1905/1986) destaca que se o objetivo é o encontro dos genitais do sexo oposto de forma a garantir a reprodução, há dois tipos de desvios: a) transgressões das áreas anatômicas, ou seja, a utilização de outros locais do corpo que não os genitais, tal como a boca, a pele, o ânus; b) a

fixação em metas provisórias que levem ao gozo sem a participação dos genitais, como, por exemplo, o beijo, as carícias, o olhar. Dessas observações, a conclusão alcançada foi que, na verdade, o objetivo da sexualidade não é a reprodução, mas a obtenção de prazer. Ou seja, se por um lado, o objeto sexual é variável, por outro, o objetivo é sempre o prazer. Tais conclusões o permitem propor que, em termos humanos, a sexualidade não deve ser compreendida a partir do prisma biológico e naturalista. Pois, se fôssemos partir da biologia para definir o conceito de sexualidade teríamos que admitir que a perversão seria sua norma e não o contrário. Partindo dessa premissa, o autor se dedicará a fornecer, então, uma compreensão teórica sobre sexualidade a qual, dispensando a perspectiva biológica e naturalista, indica que as práticas sexuais adultas são o resultado de um paulatino processo de organização que se estabelece desde o nascimento e vai se transformando e constituindo ao longo da história de vida de cada um.

Assim, se as práticas sexuais adultas configuram modos de organização da sexualidade, Freud (1905/1986) irá formalizá-los conceitualmente. Inicia, para tal, pelas primeiras vivências de um ser humano após o nascimento. Toma, então, a experiência mais presente na vida de um recém-nato: a alimentação. Destaca que um bebê, de tempos em tempos, se encontra acossado pela sensação desprazerosa imposta pela fome. Nesses momentos, a mãe oferece seu seio para aplacá-la. A intensidade da necessidade orgânica de nutrição coloca o bebê em um estado de excitação e desconforto. O leite morno e adoçado alivia a tensão e transforma o desprazer em prazer, o estado de desconforto e excitação em calma e conforto. O autor destaca aqui a existência da ocorrência de duas séries concomitantes: uma que diz respeito ao circuito biológico da necessidade de nutrição (pois se o bebê não é alimentado ele morre, biologicamente) e outra série que diz respeito à vivência subjetiva do desprazer e do prazer aí envolvidos. A proposta edificada é que se, de início, essas duas sequências estão fundidas, entremeadas entre si, aos poucos, por sua própria recorrência, repetição e intensidade, a série desprazer/prazer se sobressai à necessidade biológica e se destaca como a mais importante, e mais, a marca de forma definitiva de tal maneira que a nutrição nunca mais será exclusivamente biológica, mas subjetiva, psíquica, emocional, afetiva, erótica, marcada pela sexualidade. Assim, nessa perspectiva, é a série desprazer/prazer que instaura a subjetivação das experiências somáticas, ou seja, esse encadeamento que se inaugura apoiado sobre uma ordem biológica, o que ele denomina de pulsão. Isto é, essa força, essa intensidade, essa exigência de trabalho que estabelece um

circuito de tensão, de desprazer e que leva ao escoamento da tensão e ao conseqüente alcance do prazer. Dessa forma, o conceito de pulsão demarca o registro das sensações, das intensidades, dos modos de obtenção de satisfação de uma intensidade, uma força que, em si, exige satisfação sem que nela mesma seu destino esteja traçado.

Diante dessa força, propõe o autor, a necessidade fisiológica é corrompida e o bebê vai se enroscando nos prazeres que liga a tensão aos objetos que a satisfaz, em primeiro lugar, o seio materno. E o interessante é que rapidamente o seio é substituído pelo dedo, pela chupeta, pela ponta do cobertor e assim por diante. Uma sucessão infindável de objetos substitutos ao seio e não ao alimento natural (leite) que satisfaz uma função orgânica nutricional. Razão pela qual, denomina-se a boca de primeiro órgão pulsional, diferenciando-a de um órgão nutricional, pertencente ao sistema digestivo. Um órgão pulsional cuja função é a obtenção de prazer, prazer de órgão.

Na perspectiva teórica aberta por Freud (1905/1986), a pulsão, portanto, se constitui como um circuito. Esse circuito é o próprio registro psíquico, não havendo anterioridade entre um e outro. Nesse sentido, o registro psíquico, portanto, se constitui a partir da emergência da pulsão, a partir do encontro entre a exigência biológica e a satisfação prazerosa dela advinda. Uma composição humana que desvirtua o natural inserindo inúmeros elementos entre a necessidade fisiológica de nutrição e o objeto natural que a satisfaz, o leite. Entre eles, a mãe introduz esse desvio de caminho que leva da natureza à cultura, do natural ao humano. E, entre a fome e o leite, ela insere seu colo, seu toque, seu cheiro, seu olhar, sua voz. O circuito entre a fome e sua satisfação, por meio do leite, se perde nessa deriva, nessa cadeia infindável de objetos parciais que satisfazem a pulsão. Ou seja, o registro pulsional porta em si mesmo, não uma totalidade, mas infinitas parcialidades, fragmentos que oferecem, de forma dispersa, prazeres, a princípio, desconectados entre si.

Nesse aspecto, podemos perceber que, de uma forma muito interessante, Freud (1905/1986) não desconsidera o registro biológico, mas apenas indica que, em termos humanos, não é ele que define a construção da subjetividade. Essa se constitui a partir do encontro entre o biológico e a função materna de inserir o biológico no campo humano das relações amorosas e afetivas. Uma função, sobretudo, de erotização, de tal forma que de um certo momento em diante, para que a nutrição seja alcançada, não adianta, apenas, que o leite seja oferecido. Mas, faz-se necessário que ele seja oferecido pela mãe, que ela olhe para seu bebê, que ela fale com ele, que ela o sustente com segurança etc. Assim, se para o registro

biológico o que interessa são os nutrientes do alimento, para a pulsão o que interessa são todos os elementos que o circundam: a maciez da pele, o odor que dela emana, o olhar, a intensidade da voz, o carinho etc. Tal percepção se torna fundamental porque demarca que não há um objeto Total que satisfaça a pulsão – o Seio –, mas inúmeros objetos parciais que compõem a experiência de uma vivência subjetiva ilusoriamente completa. Em troca, a pulsão também não é total, mas decomposta, pulsões parciais que integram um modo de satisfação psíquica, pura fantasia e não realidade.

Em consequência, essa proposição freudiana indica uma das qualidades fundamentais da pulsão: estabelecer-se como um circuito que se inicia no momento em que a tensão desprazerosa brota e insere uma exigência de trabalho que necessita recorrer a objetos na externalidade em prol de sua satisfação a qual uma vez alcançada produz como efeito a erotização das funções orgânicas implicadas nesse processo. Isto é, o circuito pulsional ao ser estabelecido produz como efeito a transmutação dos órgãos somáticos em pulsionais, introduzindo um caráter sexual às funções fisiológicas. Assim, por exemplo, a boca e os lábios deixam de ser exclusivamente utilizados para as funções nutricionais e passam a configurar uma zona erógena. Ou o olhar deixa de ser um órgão de visão, de discriminação de cores e formas, e passa a transmitir afeto, sensações, opiniões. Da mesma forma, a audição deixa de ser utilizada apenas para a discriminação de sons e passa a configurar o campo da escuta, da transmissão, da comunicação. Uma pluralidade de possibilidades que permitem a Freud (1905/1986) definir que se há locais no corpo privilegiados para serem zonas erógenas, qualquer local do corpo pode se tornar uma delas, pois a erotização é um processo que transmuta funções somáticas ao conferir outra função que não a biológica. Por essa razão, em psicanálise, o corpo e suas funções não são entendidos pelos processos orgânicos que nele se estabelecem, mas pelos sentidos psíquicos que vão sendo produzidos. Há, portanto, um corpo erógeno, pulsionalmente marcado, erotizado, afetado pelo efeito pulsional que sobre ele queda.

O interessante é que Freud (1905/1986) destacará nesses primeiros circuitos pulsionais o primeiro modo de organização da sexualidade: o autoerotismo. Ao indicar que esse circuito pulsional determina a erotização de partes do corpo, ele indica igualmente que o efeito do circuito se reverte ao próprio corpo, sendo, portanto, autoerótico. Ainda que o circuito pulsional para se estabelecer necessite circunscrever objetos externos ao corpo do bebê (inicialmente as parcialidades maternas: seu seio, seu cheiro, seu odor, seu olhar etc.), o efeito

do circuito se abate sobre o corpo próprio do bebê, erotizando-o. O autoerotismo, portanto, se caracteriza por ser esse modo primitivo do circuito pulsional se estabelecer: prazeres dispersos, não conectados entre si, que fundam um corpo fragmentado, erotizado, pulsional. Freud percebe no autoerotismo uma característica específica da pulsão sexual; partir de uma fonte inerente ao bebê, circundar objetos, satisfazer-se por meio deles e produzir como efeito a erotização do próprio corpo. Esse retorno ao ponto de partida, retorno ao corpo, às zonas erógenas é definido como um dos destinos inexoráveis da pulsão.

O próximo passo teórico objetiva a compreensão do que esse modo de organização da sexualidade produz como formas de subjetivação. Ou seja, se essas experiências de satisfação pulsional produzem vivências subjetivas, isto é, um tipo de registro psíquico ao interligar as fontes pulsionais aos objetos que as satisfazem, produzindo um determinado tipo de prazer, Freud (1905/1986), então, tenta entender o que significa, em termos subjetivos, essas marcações pulsionais. Retornando ao circuito nutricional, premido pela fome, o bebê abocanha o seio materno. Nesse instante, as fronteiras entre boca e seio se dissolvem, pois, o bebê não possui recursos cognitivos para perceber a distinção entre ele e o mundo externo. O leite, que pertencia à mãe, é ingerido pelo bebê, sendo, portanto, por ele incorporado. A oralidade, então, define um modo de relação sujeito/objeto que tende à indiferenciação e à utilização do objeto como elemento a ser destruído e incorporado ao Eu sem que o objeto seja considerado em sua externalidade e concretude. Mas, faz-se importante observar que o dilema psíquico aí envolvido é visceral, de vida ou de morte, isto é, o que está em pauta é a sobrevivência do Eu ou do Outro, posto que, no canibalismo, extremamente agressivo da oralidade, de dois existentes resta apenas um. Com isso, ocorre a percepção de que o circuito erotizador é igualmente agressivo, isto é, a mesma força que erotiza a boca e os lábios, abocanha o seio, o incorpora e o destrói, posto que não leva em conta sua existência real. O circuito pulsional, portanto, é marcado, desde o seu primórdio, pela ambivalência. A mesma força que erotiza, destrói. A questão que se destaca aqui é que se, nesse momento de constituição subjetiva, Sujeito e Objeto não se diferenciam, destruir o objeto significa destruir a si próprio? Se é assim, o que poderíamos identificar como sendo o elemento fundamental que permite a superação desse circuito mortífero da pulsão de forma que ambos – sujeito e objeto – possam sobreviver à destrutividade aí envolvida e se integrarem, se diferenciarem e ganharem estatuto de individualidades?

Objetivando responder à questão, faz-se necessário a promoção de um deslocamento teórico estratégico. Apesar de ser recorrente, no âmbito psicanalítico, a ideia de que a função paterna se estabelece apenas ao longo da triangulação edípica, objetiva-se demonstrar que ela está sendo exercida desde os momentos mais primitivos da construção subjetiva e que dela depende as possibilidades de promoção de uma ultrapassagem das parcialidades pulsionais e a instauração de uma sensação de ilusão de unidade que, por sua vez, sustenta a diferenciação entre sujeito e objeto (s) externos (s), ou seja, entre o bebê e sua mãe que permite a sobrevivência concreta de ambos. Para tal, algumas proposições formuladas por Winnicott serão tomadas como base.

Considerações sobre a função paterna: ilusão de individualidade para além das parcialidades pulsionais

Segundo Dethville (2014), Winnicott é um autor bastante criticado pela pouca importância que concede à presença paterna em seu edifício teórico. No entanto, afirma a autora, embora seja verdade que ele tenha tecido considerações mais detalhadas sobre as relações estabelecidas entre os bebês e suas mães, uma leitura atenta de seus artigos nos permite perceber sua constante preocupação com os elementos concernentes à paternidade. Entre os artigos do autor que tratam dessa questão, a obra intitulada *O uso do objeto no contexto de Moisés e o Monoteísmo* será a base das considerações que seguem (WINNICOTT, 1988/2013). Como o próprio título sugere, nesse artigo, escrito em um momento tardio de sua obra e publicado apenas muitos anos após sua morte, há a abertura de um franco diálogo com Freud, especialmente em relação à teoria pulsional e à presença paterna no processo primitivo de constituição subjetiva. Tal interlocução se tornou necessária na medida em que o autor percebeu que ambos, ao final de suas obras, estavam preocupados com a mesma temática: o processo de individuação que encaminha o bebê de um momento primitivo de organização subjetiva na qual não há distinção entre o Eu e o Não-Eu para o alcance paulatino de uma sensação de unidade a qual permite que a criança se perceba como singular e se relacione com pessoas, igualmente, singulares.

A contribuição teórica oferecida nesse artigo diz respeito a essa questão por meio de uma mudança de posição em relação à perspectiva freudiana sobre o momento em que a presença paterna começa a exercer sua função. Para tal, há a ponderação de que Freud, baseado em suas observações clínicas com pacientes neuróticos, propôs a repressão do amor

ao pai como fundamental para o processo de individuação, ou seja, o momento do drama edípico é tomado como central para seu argumento. Por seu turno, Winnicott (1988/2013) sugere que o atendimento clínico que ele pôde desenvolver com pacientes psicóticos o fez perceber que há um momento ainda mais primitivo, anterior e preparatório para a vivência do drama edípico, em que a presença paterna se apresenta como fundamental. Segundo seu argumento, para que seja possível que as questões relativas à triangulação edípica sejam vivenciadas, faz-se necessário que a criança já tenha alcançado um estado de unidade pessoal que a permita se relacionar com outras duas pessoas igualmente singulares: sua mãe e seu pai. No entanto, o trabalho clínico demonstrou que nem todos atingem esse estágio subjetivo pois, nas psicoses, os pacientes estão ainda lutando para se sentirem singulares e se manterem integrados e diferenciados das pessoas e do mundo que os cercam. Dessa forma, o autor se propõe a cernir, em termos teóricos, os processos psíquicos primitivos, anteriores à ocorrência do Édipo, que permitem e sustentam o movimento de singularização. Para tal, retoma, a partir da perspectiva freudiana, a instauração do circuito pulsional que se funda nas exigências de satisfação das necessidades vitais.

Em sua teorização, Winnicott (1988/2013) mantém a proposta freudiana sobre o fato do processo de instauração do circuito pulsional possuir um caráter destrutivo que necessita ser ultrapassado para se configurar como criativo das realidades interna e externa de um bebê. O autor parte desse movimento paradoxal, observando que, na verdade, o impulso primordial se configura como destrutivo, não por uma intencionalidade à destruição própria ao impulso, mas pela possibilidade de o objeto não sobreviver ao seu impacto. Com essa observação, há a proposição que, para que entendamos o estabelecimento do circuito pulsional, devemos levar em conta tanto o impulso pertencente ao bebê quanto as formas por meio das quais o ambiente se comporta ao recebê-lo, contorná-lo, satisfazê-lo e, por fim, erotizá-lo. Dessa forma, o objeto, ao sobreviver infinitas vezes ao potencial destrutivo do impulso primitivo e se oferecer novamente à satisfação, ganha a possibilidade de ser criado subjetivamente pelo bebê. A sequência que o autor introduz em sua teoria se estabelece da seguinte maneira: o impulso primitivo alcança o objeto e o destrói – o objeto sobrevive à destruição –, novos impulsos alcançam o objeto que sobreviveu – o objeto é criado, isto é, ganha estatuto de objeto subjetivo. Dessa forma, intercalando a sobrevivência do objeto entre sua destruição e sua criação, o que está sendo sugerido, de uma forma radical, é que o estabelecimento do circuito pulsional é dependente não apenas do impulso, mas, igualmente, do objeto. Tal

sugestão implica na ideia que os efeitos subjetivos produzidos no bebê sejam decorrentes do encontro entre impulso e objeto, isto é, não dependem das características singulares nem de um nem do outro, exclusivamente (PINHEIRO, 2018, 2019).

Tomando essas considerações como preliminares, Winnicott (1988/2013) se propõe a melhor compreender o que permite que a sobrevivência do objeto ocorra. Avançando sobre esse tema, de forma surpreendente, o autor que, até então, em suas proposições teóricas, havia priorizado a relação bebê/mãe, lança mão de um novo elemento para sustentar suas elaborações: a presença paterna. E se questiona sobre o que representa a presença real do pai na vida do bebê, qual seria sua função na experiência concreta entre ele e a criança, ou entre ele e a mãe da criança. Pois, segundo o autor, haveria uma diferença caso o pai esteja presente ou ausente, seja capaz de se relacionar ou não, seja são ou insano, possua uma personalidade rígida ou flexível, e, por fim, caso ele concretamente morra nesse momento crucial do desenvolvimento emocional de seu filho, posto que, nesse cenário, o impulso primitivo faria valer sua potência destrutiva. Além disso, é, igualmente, importante levarmos em conta a imago paterna que existe na realidade psíquica da mãe e os destinos que a mãe oferece a essa imago.

Todos esses elementos, no ponto de vista winnicottiano, estarão presentes e produzindo efeitos decisivos ao longo da jornada empreendida pelo bebê no processo de integração das parcialidades pulsionais em prol do alcance de uma sensação de unidade pessoal. Pelo lado materno, o pai a sustenta no exercício de suas funções, as quais dependem de uma adaptação boa o suficiente às necessidades de seu bebê. Uma adaptação que, por demandar a instauração de um estado de identificação intensa ao seu bebê, é capaz de desfazer as fronteiras egoicas entre os dois. Nesse sentido, a presença paterna se torna alicerce à integração do ego materno. Pelo lado do bebê, o pai pode, nesse momento do desenvolvimento, ser um substituto da mãe, mas, o mais importante, é que, de tempos em tempos, ele possa começar a ser sentido pelo bebê como estando presente ocupando uma outra posição, a posição de um terceiro elemento de tal forma que o bebê possa começar a fazer uso do pai como matriz para sua integração egoica. Nesse sentido, afirma o autor, o pai é o primeiro vislumbre para a criança de objeto não parcial, mas de pessoa total.

Na opinião de Winnicott (1988/2013), o fato da mãe ter sido concebida, originariamente, como um conglomerado de objetos parciais, levou à ideia de que o pai também se apresentaria da mesma forma. Porém, o que está sendo proposto é que, nos casos

favoráveis, o pai inicia como um Todo e, posteriormente, passa a ser integrado na organização egoica e no registro psíquico do bebê. Ou seja, nessa perspectiva, a presença paterna é de fundamental importância para que tanto o bebê quanto a mãe possam ultrapassar, de forma mais segura, o difícil embate corporal e psíquico que travam entre si ao longo do processo de atendimento das necessidades vitais indispensáveis à constituição do registro subjetivo. Assim, o pai, por ser o elemento interno/externo nessas relações primitivas, se oferece como pilar estruturante ao processo de integração e singularização. Com essa oferta, o pai insere o índice da indestrutividade do ambiente necessário à abertura do campo da ilusão de unidade que acompanha o bebê ao longo de sua vida. Ilusão esta que, como nos atesta os estados de angústia, pode ser ameaçada de ser perdida e esfacelada, demarcando, dessa forma, o fundamental da presença paterna na consolidação desse estado ilusório de unidade.

Referências

- DETHVILLE, L. O pai suficientemente simbólico? **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 27- 39, 2014.
- FREUD, S. (1895). A Psicoterapia da Histeria. In: BREUER, J.; FREUD, S. (1893/1895). Estudos sobre a Histeria. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1986. V. II.
- _____. (1905). Três Ensaio sobre a teoria da Sexualidade. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1986. V. VII.
- _____. (1917). Conferências introdutórias sobre Psicanálise. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais: conferência XXI. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1986. V. XVI.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- PINHEIRO, N. Impulso destrutivo e Ambiente: Winnicott em diálogo com Freud. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 1, p. 291-304, 2018.
- _____. Em essência, é o fogo construtivo ou destrutivo? Winnicott em diálogo com Freud. In: THÉ, D.; CAVALCANTE, J.; RIBEIRO, S.; ADJAFE, V. (Org). **O gesto espontâneo em 90 trabalhos**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2019.
- ROUDINESCU, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- WINNICOTT, D. (1988). The use of an object in the context of Moses and Monotheism. In: ABRAM, J. (Ed.). **Donald Winnicott today**. East Sussex: Routledge, 2013.

Recebido em: 01/12/2019.

Aceito em: 30/12/2019.